

RUBEM BRAGA

BLUMENTAL

Tem apparecido bons romances aqui no Sul e no resto do paiz, e eu não escrevi nada sobre nenhum delles. Si tive esta ideia de escrever sobre o livro de Vianna Moog é porque elle se dedica a um assumpto que algumas vezes já surgiu aqui — esse assumpto das colonias allemãs.

“Um rio imita o Rheno” é um romance, sem ser bem um trabalho de ficção. E’ quasi um ensaio em forma de romance. A’s vezes no meio do romance intercala-se um trecho de ensaio — e vale notar que tantos annos depois Moog incidiu, embora com um espirito bem mais moderno, no mesmo erro de Graça Aranha. Muitos dos problemas que o livro aborda não são “discutidos pela acção” ou, para usar uma linguagem pedagogica, não são “dramatisados”. São debatidos em dialogos ou reflexões, com citações de autores, exame de theses, etc. Não tenho nenhuma duvida em dizer que de certo modo isso prejudica o romance — o que não é o mesmo que prejudicar o livro. Sim, porque podemos acceptar muito bem o livro como qualquer coisa de intermediario entre um romance e um ensaio — ensaio romançado, por exemplo.

Entretanto não se pôde negar que no ensaista Moog havia um romancista realmente romancista. E’ verdade que elle não tem “inocência” nem “dramaticidade”. Mas tem algumas das qualidades mestras dos romancistas. Por exemplo: enredo, facilidade de arrastar o leitor do começo ao fim. Isso elle consegue de maneira invejavel — a gente não pôde deixar de querer saber que diabo o Geraldo vai arranjar com Lore. Por falar de Lore, é engraçado notar que Lore não consegue ser real. Nós sentimos bem Geraldo, Armado, outras pessoas do livro. Quanto a Lore tudo o que podemos fazer é amal-a. Eu, de mim, confesso que amo a loura Lore, amo-a de um amor sem esperança, a linda e suave Lore. Mas só á distancia. Nas raras vezes em que Moog tenta collocar a Lore em primeiro plano ella recua, fica distante, atraz de brumas, como si a gente só conseguisse vel-a atravez de uma clara cortina de sua casa. A realidade de Lore, a Lore

viva, humana, quotidiana, a Lore com suas virtudes, seus defeitos, seu modo humano de ser, a gente não conhece. Não se diga que Moog fez isso de proposito. Não fez. Até pôde bem acontecer que elle quizesse ter com a Lore do romance uma intimidade que talvez desajas-se ter com uma Lore real. Mas não conseguiu. Tambem no romance Lore está longe, átraz de suas claras cortinas. E mesmo quando se lê a scena do banho de Lore não se tem a impressão da realidade. A gente não sente que está “vendo” Lore no banheiro: a gente está “imaginando” como seria Lore no banheiro. Entre outras pessoas desenhadas, ás vezes bem efficientemente, a oleo, Lore é uma aquarella suave e superficial. Lore é como um desenho a linha dagua em um papel branco — um desenho puro, claro e amavel como as cortinas de sua casa allemã, mas sem profundidade. Uma das boas delicias desse livro é vêr essa linda personagem se distanciando obstinadamente do autor.

Quanto á mãe de Lore, a horrivel Frau Marta, mais symbolo que mulher, acho meio falso o “rompimento de sua reputação” no fim do livro. Peço que os leitores prestem attenção a isto: estou falando como leitor, apenas. Um critica deve ler um livro devagar, meditando pensando, medindo, reflectindo sobre o livro. Eu sou apenas um leitor, e leio as coisas depressa. Depois não faço critica: escrevo impressões.

Minha impressão geral é excelente. Si Moog fizesse um ensaio sobre esse assumpto não conseguiria, com toda certeza, ser tão verdadeiro como fazendo um romance. Só atravez de um romance Blumental poderia viver, como vive agora, para conhecimento de toda gente no Brasil. E ahí está a graça e a força desse livro. Para quem ama ideias, ha jogo de ideias, subtilizas de pensamento. Para quem ama sonhos, ha uma historia typo Romeu e Julieta. E atravez de tudo isso toda gente, inclusive eu, pôde sentir melhor esse pedaço da realidade do Brasil que é Blumental — pedaço inquietante, pedaço irritante, pedaço ás vezes indignante, mas tambem — tanta é a força brasileira de ternura — pedaço amavel do Brasil